

“HOMOSSEXUALISMO” OU “HOMOSSEXUALIDADE”: O POLITICAMENTE CORRETO E A LITERALIDADE PENSADOS À LUZ DA ANÁLISE DE DISCURSO PECHEUTIANA

Thiago Alves França¹

Este trabalho, na esteira do que fizeram Borges (1996) e Possenti (2004), desenvolve uma reflexão que aproxima a Análise de Discurso (AD) pecheutiana de uma discussão acerca do movimento Politicamente Correto (PC). Apresento, aqui, algumas reflexões sobre como esse movimento e seus desdobramentos podem ser tomados à luz da AD, e analiso alguns comentários que interpretam um vídeo² disponível no “Youtube”. Nesse vídeo, a cantora gospel Fernanda Brum, em uma entrevista, se posiciona, enquanto evangélica, em relação aos indivíduos homossexuais e suas práticas. Por duas vezes, a cantora refere-se às práticas e aos desejos dos homossexuais como “homossexualismo”, e muitos comentadores também designam da mesma maneira, o que gera algumas outras interlocuções que funcionam, sobretudo, como respostas na tentativa de corrigir o termo “homossexualismo”, substituindo-o por um outro, compreendido como mais adequado, como correto, que seria “homossexualidade”. Esse movimento “ortopédico” é característico do PC.

No âmbito da linguagem, o PC pode ser compreendido pelos seus defensores como a tentativa de substituição de alguns termos e expressões por outros, compreendidos como “mais neutros”. Sendo assim, a preocupação essencial do movimento é denunciar situações materializadas em enunciados por meio dos quais pessoas, grupos ou classes são alvo de discriminação (BORGES, 1996), ou, dito de outra forma, o movimento pretende controlar ou eliminar o uso de palavras e

¹ Mestre em Linguística e em Memória, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professor da Universidade do Estado da Bahia, campus IX. Atualmente, é doutorando em Letras (Linguística) pela Universidade Federal de Pernambuco.

² Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=pucqgDWsJ6s>>.

expressões que possam ofender ou humilhar alguns indivíduos ou grupos (SEMPRINI, 1999).

Apesar de não ser consensual dizer onde e nem quando surgiu, costuma-se afirmar que o PC ganhou fôlego nos Estados Unidos na década de 60. Foi institucionalizado, naquele país, segundo Cabrera (2012), no governo de Bill Clinton, espalhando-se e tornando-se um movimento “globalizado”. Entre países lusófonos, como Portugal, o PC se atualizou na adequação das designações de profissões; por exemplo, os antes chamados “carteiros” passaram a ser nomeados por “técnicos de distribuição postal”. No Brasil, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações, os lixeiros tornaram-se “coletores de lixo domiciliar”; os desempregados, “disponíveis para o mercado de trabalho” (CABRERA, 2012) etc.

Em nosso país, durante o primeiro mandato do presidente Lula, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, no ano de 2004, lançou a cartilha “Politicamente Correto e Direitos Humanos”. O material apresenta alguns verbetes que devem ser, conforme a lógica do PC, evitados, e ilustra algumas expressões alternativas e preferenciais. No ano de 2005, porém, por pressões, a cartilha foi retirada de circulação (CABRERA, 2012), o que ilustra a polêmica que envolve e atravessa o movimento.

Entre expressões e palavras que devem ser evitadas, conforme orientação da cartilha, a exemplo de “a coisa ficou preta”, “baianada”, “crioulo”, “deficiente”, “judiar” etc., figura a palavra “homossexualismo”. Segundo Queiroz (2004), que assume a autoria da cartilha,

o primeiro termo [homossexualidade] **descreve essa condição de forma neutra**, enquanto o segundo, [homossexualismo] equivocado, tem uma forte carga pejorativa ligada à crença de que a orientação homossexual seria uma doença, uma ideologia ou um movimento político que as pessoas aderem de maneira voluntária. (QUEIROZ, 2004, s. p)

É bastante conhecida, entre os analistas de discurso, a tese segundo a qual um enunciado significa conforme a inscrição em determinada FD (PÊCHEUX, 1975). É corolário dessa tese pressupor que palavras diferentes podem significar “o mesmo”, se inscritas na mesma região do interdiscurso (PÊCHEUX, 1975) e, ainda, que “a mesma” palavra pode ter diferentes sentidos se vinculada a FD diferentes.

Sendo assim, no que diz respeito à significação de uma palavra, de um enunciado, a sua vinculação a um ou outro discurso é determinante. Essa tese e seus desdobramentos são esquecidos no PC.

Apresento, agora, uma rede de formulação-reformulação (COURTINE, 1981), cuja matriz de sentido é a censura ao termo “homossexualismo”.

(01) Usuário1³ 2 anos atrás: NÃO É HOMOSSEXUALISMO, É HOMOSSEXUALIDADE.

(02) Usuário2 2 anos atrás: Claro que ela é homofóbica!! não existe ex-gay e [nem] homossexualismo!!

(03) Usuário3 2 anos atrás: Não existe a palavra homossexualismo, e sim homossexualidade.

(04) Usuário4 2 anos atrás: HOMOSSEXUALIDADE. Pare de falar besteira, Fernanda Brum. [...]

(05) Usuário5 2 anos atrás em resposta a UsuárioX: 'Dá pra mudar 'homossexualismo'?(aliás,é HOMOSSEXUALIDADE,ok -esse "ismo" parte de gente q acha q isso é doença...como vc [...]

(06) Usuário6 1 ano atrás: O termo correto é homossexualidade.

(07) Usuário7 1 ano atrás: HOMOSEXUALIDADE... não é homossexualismo.. [...]

(08) Usuário8 1 ano atrás: Na bíblia Deus repudia 4x mais comer camarão do que a homossexualiDADE. [...]

(09) Usuário9 5 meses atrás: [...] vc é bitolado, nem [se] usa mais o termo homossexualismo e só por este pequeno fato eu posso te processar! O sufixo (ISMO) significa doença, e ser gay não é doença. [...] P.S. NÃO FIQUE USANDO O TERMO HOMOSSEXUALISMO, PORQUE VC PODE GANHAR UM LINDO PROCESSO. [...]

Na rede, em cada formulação, podem ser vistas formas de censurar o uso do termo “homossexualismo”. Acredito que a forma mais explícita de um Discurso do Politicamente Correto (DPC) se dá na formulação 06, onde se diz que o “termo correto é homossexualidade”. Dizendo que um é correto, diz-se o oposto do outro: o nome “homossexualismo” é incorreto.

³ Alterei o nome dos usuários a fim de evitar sua identificação. Mantive, porém, algumas informações sobre, por exemplo, quando a postagem ocorreu e em relação, no caso da formulação 05, a que outro enunciado o comentário remete – os demais se referem diretamente ao vídeo – . As cores também foram mantidas (azul no nome do usuário, e cinza no tempo da postagem) conforme se encontram no canal “Youtube”, de onde foram coletados os dados.

Acreditar que uma palavra é incorreta por si mesma e que sua supressão ou substituição por uma outra, supostamente livre de estigma, resolveria casos de preconceito, por exemplo, só pode ser formulado se negado o caráter material do significado, isto é, se desconsiderada a discursividade (PÊCHEUX, 1982). Este é um esquecimento necessário para a formulação do DPC; sem esse esquecimento o DPC é irrealizável. Parece importante observar que um discurso não é, portanto, apenas aquilo que se seleciona do dizível e que se “concretiza” linguisticamente. Todo discurso é composto, na mesma medida, por aquilo que “sobra” da seleção, pelo que se esquece e que acaba por definir as suas porosas margens. Há, assim, sempre, não exatamente um retorno do esquecido, mas uma ausência sempre presente (“presença” ou “ausença”).

Nas demais formulações, a censura em relação à palavra também se manifesta. Em 01, lê-se, em caixa alta, que não se diz “HOMOSSEXUALISMO”, mas “HOMOSSEXUALIDADE”. Ao dizer “não se diz”, diz-se também “não se deve dizer”, e, portanto, “não diga”. Em 02 e 03, afirma-se que o termo “homossexualismo” não existe; claro, existe, sim, ou não poderia ser defendida a sua proscricção. Nestas formulações, dizer que não existe atualiza o desejo (ou a necessidade, segundo a lógica do DPC) de que deixem de existir.

Em 04 e em 07, corrige-se o que considera como erro, destacando, com caixa alta, a designação adequada: “HOMOSSEXUALIDADE”. Na primeira, dizer “homossexualismo” implica incorrer em erro e, por isso, significa “dizer besteira”; na segunda, isto é, na sétima formulação, o destaque é seguido da negação explícita do termo oposto (não é homossexualismo). Em 08, usando o mesmo recurso, destaca-se a correção do sufixo, que se diferencia, por estar em caixa alta, da raiz da palavra (homossexualiDADE em substituição ao “ISMO”).

As formulações 05 e 09, destacando o sufixo já observado na oitava formulação, negam o uso do termo “homossexualismo”, justificando a negação: o “ismo”, segundo esses enunciados, atualiza uma associação entre os homossexuais e uma sexualidade supostamente patológica. Essa associação, indevida segundo o que se discursiviza nas duas formulações, argumenta a favor da eleição de “homossexualidade” como a palavra correta. Em 09, potencializando o

funcionamento censório do PC – “na medida em que faz uso da pressão social para enquadrar, em posição de opróbrio, os que incorrem em atitudes atentatórias ao que se autolegitima como politicamente correto” (BORGES, 1996, p. 109) – chega-se a dizer que o uso insistente da palavra proibida (homossexualismo) pode render processos contra o enunciador (VC PODE GANHAR UM LINDO PROCESSO).

A partir da rede, e insistindo no fato de que ela reproduz uma possibilidade de realização do DPC, é possível dizer que, no que diz respeito à linguagem, o PC esquece-se do caráter material do significado. É interessante, porém, observar que o funcionamento ocorre de modo que o comentador – sobretudo nas formulações 05 e 09 – percebe-lembra que o termo “homossexualismo” é (porque assim o considera) historicamente equivocado, o que sugere uma compreensão de que as palavras significam na sua inscrição histórica, pela evocação mnemônica que provocam, mas repete a ilusão da objetividade e a-historicidade da língua quando compreende que se resolve a questão lida como problemática apenas com a substituição de um termo pelo outro. Essa substituição é justamente uma tentativa de higienização linguístico-discursiva, uma prática comum e talvez a mais característica do PC, como dissemos, que se sustenta na ilusão de literalidade, e que pode ser, no *corpus* analisado, assim sumarizada: dizer “homossexualidade” é correto; dizer “homossexualismo” não.

Essas respostas-correções, coletadas como realizações do gênero comentário, são pensadas, aqui, como gestos de leitura realizados a partir de um outro lugar discursivo, diferente daquele com o qual se identifica Fernanda Brum, por exemplo, e representam, no plano do discurso, tomadas de posição em relação a determinado termo-sentido, pondo-o(s) em questão e, no caso, rejeitando-o(s).

Nas materialidades linguísticas analisadas, propõe-se uma troca de palavras e se acredita, como indiciam os comentários, que a substituição produz um outro efeito de sentido, tido como mais adequado para os próprios homossexuais (ou afins) que naquele espaço virtual se manifestam; por isso, defendemos que, na discursivização ocorrida naquele território, está funcionando um tipo de lembrança-esquecimento que é da ordem da enunciação-postagem.

Como observou Borges (1996), a mera substituição por um termo interpretado como mais limpo, como asséptico, não altera a arquitetura discursiva que condiciona o processo que é a (re)produção de um sentido. Possenti (2004), mesmo reconhecendo alguns méritos do movimento, afirma que o PC comete equívocos banais no que diz respeito à linguagem. Um desses equívocos é acreditar na existência de palavras “puras”, como se resistissem incólumes à ideologia, ou como se significassem independentemente da história. Segundo o DPC, fazendo funcionar seus esquecimentos constitutivos-condicionantes, é perfeitamente defensável e desejável que sejam trocadas palavras estigmatizadas, como “homossexualismo”, por uma outra, que se pretende neutra, a exemplo de “homossexualidade”.

Não nos comentários que selecionamos e organizamos em rede, mas no vídeo – texto “primeiro” ao qual os comentários retomam –, essa diferença entre os dois termos não é tão clara. No vídeo, durante a participação em um programa, a cantora gospel, Fernanda Brum, fala sobre um de seus clipes, o “Cura-me”. Um expectador envia uma mensagem de texto perguntando sobre o personagem que, no clipe, “deixa o homossexualismo”. Durante sua resposta, referindo-se às práticas e aos desejos de homossexuais, por duas vezes, nomeia-os de “homossexualismo” como já havia sido dito; em outras duas, porém, designa-os como “homossexualidade”.

Por meio do olhar que lanço embasado na AD, sobretudo em relação à tese de que palavras diferentes podem significar o “mesmo” se inscritas na mesma FD, se enunciadas a partir de uma mesma posição de sujeito, eu diria que, no vídeo, não há deslizamento de sentido, muito menos um deslocamento. Isto é, quando Fernanda Brum diz um termo ou outro, não acredito que se materializem, neste momento, discursos diferentes. Os sentidos que Fernanda Brum (re)produz são os mesmos. Tanto quando ela diz “homossexualismo” quanto quando diz “homossexualidade”, os homossexuais com vida sexual ativa seguem pecando e o casamento continua sendo um “sacramento” sonhado por Deus para unir exclusivamente homem e mulher⁴. Não há mudança nesse sentido.

⁴ Refiro-me, aqui, a enunciados produzidos pela artista durante o vídeo.

Ocorre, então, no vídeo, um uso de “homossexualidade” que o sinonimiza ao termo “homossexualismo”, um efeito metafórico (PÊCHEUX, 1969), isto é, uma substituição contextual de um termo pelo outro, podendo ser intercambiáveis no fio enunciativo de Fernanda Brum. Vejo, na fala da cantora, portanto, o esmaecimento da diferença reconhecida pelo PC, que separa “homossexualismo” de “homossexualidade”.

No fio enunciativo da artista, “homossexualismo” e “homossexualidade” significam parafrasticamente, um valendo pelo outro. Para que isso aconteça, as diferenças de cada palavra são esquecidas. Esquece-se, por exemplo, da luta para que o diagnóstico de “homossexualismo” fosse retirado do DSM II – onde figurava ao lado de outros considerados “desvios sexuais”: fetichismo, travestismo, exibicionismo, voyeurismo, sadismo, masoquismo (RUSSO; VENÂNCIO, 2006) –, e de que “homossexualidade” aparece, numa dada conjuntura, como estratégia de substituição lexical e de “apagamento” dessa relação entre os homossexuais e uma patologia na sexualidade.

Mesmo não apelando para a idéia de uma literalidade, palavras diferentes retomam, mnemonicamente, inscrições diferentes na história. É da ordem da discursividade a diferença, e não da literalidade! Essa diferença discursiva, portanto, é esquecida para que se produza uma formação de sinônimos.

O termo “homossexualidade”, sendo transferido de outras regiões que vigiam sua diferença em relação ao outro termo, é deslocado, importado, meta-forizado (PÊCHEUX, 1984), produzindo um efeito de equivalência. “Homossexualidade” e “homossexualismo” podem, na fala da cantora, ser tomados um pelo outro. Há, aqui, um interessante jogo da paráfrase e da polissemia. É preciso que o termo “homossexualidade” seja deslocado (meta-forizado), polissemicamente, para que signifique, na enunciação de Fernanda Brum, como paráfrase de “homossexualismo”.

Essa possibilidade de deslizamento, de que um termo signifique outra coisa, é “controlada” pelo PC, e pressuposta pelo DPC; em outras palavras, o jogo polissêmico é negado pelo movimento. E essa interdição da diferença, apresentada na insistência de que uma palavra significa pelo que lhe é imanente, caracteriza o

DPC como autoritário (ORLANDI, 1987), como havia observado Borges (1996), uma vez que, repetindo a ilusão de literalidade (palavras são corretas ou incorretas em si), precisa negar que a polissemia se dê, esforçando-se para condenar as palavras à monossemia; uma tarefa irrealizável, pois.

REFERÊNCIAS

BORGES, Luiz C. A busca do inencontrável: uma missão politicamente (in)correta. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, n. 31, jul/dez. 1996.

CABRERA, Miriam Regiane Dutra. *A questão do politicamente correto em temáticas relativas à homossexualidade e seus reflexos na representação da informação*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCAR, 2009. Edição original: 1981.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso*. Campinas: Pontes, 2012. p. 151-161. Edição original: 1984.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora Unicamp, 2010. p. 49-59. Edição original: 1982.

_____. *Semântica e discurso: um crítica à afirmação do óbvio*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009. Edição original: 1975.

_____. Análise automática do Discurso (AAD 69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 59-158. Edição original: 1969.

QUEIROZ, Antonio Carlos. *Politicamente correto e direitos humanos: pesquisa e texto*. Brasília, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

POSSENTI, Sirio. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. In: _____. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar edições, 2004, p. 37-59.

RUSSO, Jane; VENÂNCIO, Ana Teresa A. Classificando as pessoas e suas perturbações: a “revolução terminológica” do DSM III. A. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, ano IX, n. 3. Set. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017487007>>. Acesso em 31 mar. 2015.

SEMPRINI, A. O “politicamente correto”. In: _____. *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 61-80.